A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE DA PERSONAGEM ONDINA NO ROMANCE MAYOMBE DE PEPETELA

Juliana Braga Guedes¹

Lourenço Ocuni Cá²

RESUMO

O presente trabalho trata de identificar os elementos concernentes ao feminismo africano na construção da personagem Ondina do romance *Mayombe* de Pepetela. O objetivo do estudo aponta que tanto o comportamento sexual como o social da personagem são práticas feministas articuladas ao contexto da sociedade angolana na época do processo de independência do país nos anos 1970. As metodologias de pesquisa são a revisão de literatura, o método histórico sobre o feminismo africano e o método comparatista em diálogo com as atitudes de Ondina e os demais personagens masculinos. O patriarcalismo e a mutilação feminina são criticadas a partir do enaltecimento do direito humano à livre sexualidade da mulher negra africana. As falas de masculinidades não-hegemônicas e pró-feministas apresentadas no decorrer da narrativa auxiliam na formulação de um pensamento feminista em África. A fundamentação teórica se organiza a partir de articulistas, pensadores e feministas africanas, entre os quais estão: Bourdieu (2019), Salami (2017), Del Priore (2013; 2006), Connell; Messerschmidt (2013), Kasembe (2010) etc.

Palavras-chave: Feminismo africano; literatura angolana; sexualidade; masculinidades não-hegemônicas.

ABSTRACT

The present essay purpose is to identify the elements concerning African feminism in the construction of the character Ondina in the novel *Mayombe* by Pepetela. The aim of the study points out that both the character's sexual and social behavior are feminist practices articulated in the context of Angolan society at the time of the country's independence process in the 1970s. The research methodologies are the literature review, the historical method on African feminism and the comparative method in dialogue with the attitudes of Ondina and the other male characters. Patriarchalism and female mutilation are criticized based on the praise of the human right to free sexuality of black African women. The speeches of non-hegemonic and pro-feminist masculinities presented throughout the narrative help in the formulation of a feminist thought in Africa. The theoretical foundation is organized from scientific writers, thinkers and African feminists, among which are: Bourdieu (2019), Salami (2017), Del Priore (2013; 2006), Connell; Messerschmidt (2013), Kasembe (2010) etc.

Keywords: African feminism; sexuality; angolan literature, non-hegemonic masculinities.

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestra em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Discente do Curso de Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

² Orientador. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Associado I da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Data de submissão e aprovação: 10/01/2022.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é política, pois está em volta das relações de poder entre os gêneros. Segundo Loiro (1997): “Torna-se central pensar no *exercício do poder*, exercício que se constitui por ‘manobras’, ‘técnicas’, ‘disposições’, as quais são, por sua vez, revestidas e contestadas, respondidas, absorvidas aceitas ou transformadas”. (p. 38-39, itálico da autora). O tradicional modelo político conhecido por nós, por exemplo, impunha uma neutralidade dentro do espaço privado, definindo como político apenas assuntos de ordem pública. No entanto, o feminismo veio romper com essa ideia e colocou na superfície pública da sociedade problemas com aspectos particulares, tais como: a opressão da subjetividade feminina e os elementos emocionais que atuam no convívio social das relações interpessoais e das organizações políticas públicas.

Para Salami (2017), jornalista africana na diáspora, em texto intitulado “Sete Questões-Chave No Pensamento Feminista Africano” afirma que a sexualidade da mulher e o seu controle e anulação “são de facto uma preocupação central para as feministas africanas” (s/p). No texto a autora lança mão de uma pergunta incontornável sobre como a mulher negra conseguirá se desvincular da dominação sexual de seu próprio prazer carnal imposta pelo homem. Os corpos femininos já adquiriram tantas sequelas psicológicas e físicas após abomináveis violações masculinas que fica difícil de articular uma forma de dismantelar essa mentalidade opressora.

A chamada segunda onda do feminismo ocidental possui dentro de suas várias lutas o vínculo com a ideia de liberdade sexual. De acordo com Del Priore (2006): “Embora na década de 1960 ainda se utilizasse uma linguagem neutra e distante para falar de sexo [...] devagarzinho se caminhou para dizer coito, orgasmo e companhia” (p. 321-322).

No romance *Mayombe*³ a personagem feminina Ondina está vivenciando a sua sexualidade no contexto da guerrilha em Angola. Isto é, enquanto a “segunda onda’ – aquela que se inicia no final da década de 1960 – [...] (LOURO, 1997, p. 15) estava a se consolidar no Ocidente, na África em Angola ocorriam agitações contra o

³ De acordo com Veras (2019), a obra foi escrita “entre 1970 e 1971, período em que Pepetela participava ativamente da guerra pela libertação de seu país, e publicado posteriormente, em 1980” (p. 182).

colonialismo imposto e a busca pela liberdade do país. Falar em liberdade de uma nação é também declarar a liberdade do indivíduo. Portanto, é possível aproximar no romance de Pepetela parte da história da libertação política coletiva de Angola com a postura confidencial de Ondina que trata da sua liberdade individual, sexual e amorosa de ser mulher entre os guerrilheiros.

Após assumir provisoriamente o *bureau* de Dolisie com a expulsão de André, o Comandante Sem Medo dialoga mais intimamente com Ondina. Ela não esconde o sentimento de atração sexual que a envolve: “Foi nessa altura que o desejo entrou a sério nela, um desejo incontrolável que a levou a cruzar as pernas e a apertar o sexo com as coxas. [...] Ondina ofereceu os lábios e ele bebeu a sede deles” (PEPETELA, 2019, p. 197). Nota-se na ação de Ondina a liberdade individual, de uma mulher angolana nos anos 70, de sentir vontades íntimas por quem ela deseja e não ter relações por obrigação social condicionadas por uma tradição patriarcal africana.

Como se leu no excerto, Ondina dá o primeiro passo na conquista amorosa e presenteia de livre e espontânea vontade os seus lábios para serem beijados pelo Comandante. Del Priore (2006) afirma que a partir da década de 60: “Carícias generalizavam-se e o beijo mais profundo – o beijo de língua ou *french kiss* – antes escandaloso e mesmo considerado um atentado ao pudor passava a ser sinônimo de paixão” (p. 322, itálico da autora). Dessa maneira, percebe-se que uma das lutas feministas alcançadas está no livre conhecimento sexual e amoroso sobre o próprio corpo.

Um dos fatores mais pertinentes para a liberdade da mulher foi a desvinculação dela como geradora de filhos. As ondas feministas ajudaram na revolução sexual das mulheres. Não era preciso fazer sexo com a função sagrada da cultura judaico-cristã de ter filhos e concebê-los sob o estigma do pecado original: “Ninguém mais queria casar-se sem ‘se experimentar’; [...]. O domínio da reprodução, graças à pílula, vai consolidar essa liberação. A ciência vai se impondo sobre a ideia de pecado sexual” (DEL PRIORE, 2006, p. 333). A fabricação da pílula anticoncepcional modificou o comportamento das mulheres que passaram a dominar o próprio ciclo menstrual e ter controle sobre a gravidez.

Ao falar sobre sexo libertino, Sem Medo diz a Ondina o seguinte: “[...] em função da nossa sociedade, sociedade assimilada à cultura judaico-cristã europeia, em que o homem tem que ser ciumento [...] e a mulher é a sua propriedade”

(PEPETELA, 2019, p. 194) ocorre um atraso cultural. Divergindo do pensamento de um africano congolês, explica Sem Medo, que teve pouco contato com a religião cristã não importa para ele o fato da sua mulher fazer sexo com outro. Isso não deixava o congolês zangado (PEPETELA, 2019). Por isso, Sem Medo aponta para o processo de assimilação de si e dos demais cidadãos que são “pretos por fora” (PEPETELA, 2019, p. 194), mas europeizados mentalmente.

É pertinente refletir também sobre a tradição africana de diversas tribos que converge de alguma forma com o pensamento ocidental de que o sexo é feito para gerar filhos. No entanto, há um fator agravante em África que é a prática da mutilação genital feminina. Em contrapartida a esta questão violenta, existem outras localidades africanas, bem poucas, que valorizam a liberdade sexual da mulher através da prática da masturbação feminina. Como Ondina é uma mulher que mostra ter domínio sobre a própria sexualidade, ela estaria dentro dos pressupostos do feminismo africano. Isso será trabalhado na seção 2.1.

De acordo com Salami (2017), em seu ensaio intitulado “Uma breve história do feminismo africano”, ela afirma que o feminismo em África existe há milhares de anos. A luta contra o patriarcado sempre esteve em torno das mulheres africanas. O termo feminismo cunhado pela moda do feminismo ocidental não isenta a existência de mulheres predecessoras que resistiram antes do termo vir a cabo de uso. Sabe-se, ainda pela jornalista, que o Continente Africano contém umas das civilizações mais antigas do mundo e as mulheres já se posicionavam desde o século XIX contra as relações de poder impostas pelo ser masculino. Uma breve história sobre o trajeto de mulheres africanas nos campos de batalha contra as injustiças sociais, em cargos de poder ou em busca de igualdade de gênero serão apreciadas na seção 2.2.

O comportamento sexual e social da personagem Ondina no romance *Mayombe* do escritor angolano Pepetela são reflexos de questões em torno dos estudos feministas em África. Essa mulher representa para este artigo a figura emblemática do direito fundamental de propriedade sobre o próprio corpo e o franco diálogo com sujeitos masculinos que levantam a bandeira do pró-feminismo através de atitudes e falas de masculinidades não-hegemônicas.

Ondina é professora de crianças em uma escola financiada por um movimento revolucionário de libertação anticolonial angolano, leia-se o trecho: “O Comissário partiu para a escola do Movimento, em que Ondina ensinava, a um

quilómetro da saída da cidade” (PEPETELA, 2019, p. 79). A posição social de Ondina fica destacada pela profissão de professora, enquanto o noivo vai encontrá-la. O Comandante Sem Medo tenta levantar a autoestima do Comissário abalada pela intelectualidade de Ondina: “[...] tu és mais culto que ela. Os teus estudos foram menos avançados, mas tens uma compreensão da vida muito superior. Ela conhece mais Física e Química, mas é incapaz de conhecer a natureza profunda [...]” (PEPETELA, 2019, p. 92). Um homem que se presta a expressar o seu complexo em relação a uma parceira para um amigo rompe com a tradicional mentalidade masculina, afinal: “[...] as mulheres estão quase sempre acantonadas nos papéis menores, que são outras tantas variantes da função de ‘anfitriãs’, tradicionalmente atribuídas ao ‘sexo frágil’ [...]” (BOURDIEU, 2019, p. 74). Ou seja, as mulheres sempre foram colocadas em posições sociais como aquela que serve a alguém, por ser fraca ou delicada, e quase nunca como aquela que tem força de trabalho ou alguma superioridade intelectual em relação aos homens.

No decorrer da narrativa, descobre-se que Pepetela está a se referir ao Movimento para a Libertação de Angola (MPLA), pois em várias passagens do romance utiliza esta sigla pertencente ao partido político revolucionário, segue trecho como exemplo: “[...] O MPLA defende o povo, não rouba o povo” (PEPETELA, 2019, p. 58). O lugar onde Ondina mora é dividido com uma aluna mais velha e custeado pela administração política do partido: “Ondina habitava um quarto da única casa de cimento, quarto que partilhava com uma aluna mais crescida, Ivone” (PEPETELA, 2019, p. 80). O fato de morar com uma colega de quarto e não estar submetida a um marido polígamo, a seguir os parâmetros da sociedade tradicional africana, mostra com isso, a emancipação da mulher africana no contexto da guerrilha em Angola.

O noivo de Ondina, nomeado Comissário Político, faz parte do acampamento dos guerrilheiros fora da cidade. O local da base militar fica no interior da floresta Mayombe. O Comissário é um homem do campo, do município de Caxito, e estava falido, pois o pai perdera tudo, terras e café, para o colonialismo que o roubara. Ele tem como função doutrinar politicamente os demais revolucionários da base e incentivá-los a estudar o pensamento marxista-leninista.

O dirigente da base guerrilheira, Comandante Sem Medo, é um grande apoiador da causa de estudar do Comissário. A importância intelectual entre alguns homens guerrilheiros para transformarem os demais combatentes em futuros quadros

políticos quando a independência do país acontecesse é notória dentro dos objetivos da Revolução:

- Tu, Lutamos, és um burro! – disse Sem Medo. – Quem não quer estudar é um burro e, por isso, o Comissário tem razão. Queres continuar a ser tapado, enganado por todos... As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros. (PEPETELA, 2019, p. 75).

Embora Sem Medo reconheça os estudos de Ondina como se notou mais acima, mesmo inferiorizando-a em relação aos conhecimentos do Comissário, e tenha várias opiniões contra a tradicional postura masculina de ser na sociedade, ele ainda tem posturas de masculinidades hegemônicas. Talvez seja pelo fato do romance ser conduzido por uma polifonia de narradores masculinos e Ondina não ser incorporada dentro dos narradores. Ela é conduzida pelo 'supranarrador' em terceira pessoa que tem como foco: “[...] contar a história de Ogun, o Prometeu africano” (PEPETELA, 2019, s/p).

Diante das posições sociais ocupadas tanto por Ondina como pelo Comissário importa tratar as relações de poder por ser uma questão feminista de viés político. Acrescente-se a isso o fato desses dois personagens terem uma relação conjugal conflituosa, pois Ondina não gosta da maneira como o Comissário faz sexo com ela.

Sabe-se que a sexualidade é umas das principais relações de poder entre o feminino e o masculino. Ao homem heterossexual de masculinidade hegemônica foi conferido o papel do dominador, enquanto à mulher figuraria a submissão: “[...] o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de ‘posse’” (BOURDIEU, p. 40, aspas do autor) da mulher.

No entanto, o poder sobre o sexo é reconfigurado a partir das atitudes de Ondina. Isso será debatido na última seção do desenvolvimento a seguir, correspondente ao 2.3., trazendo a questão das falas de masculinidades não-hegemônicas e hegemônicas entre os personagens masculinos magnetizados por Ondina. Isto é, não apenas o Comissário Político e o Comandante Sem Medo aparecem, mas também o envolvimento casual e sexual dela com André, o responsável de Dolisie.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A tradição africana e a liberdade do prazer sexual feminino de Ondina

Para compreender como muitos rituais da tradição africana interferem na dignidade da mulher é necessário conhecê-los através de histórias narradas por outras mulheres. As escritas de denúncia sobre a posição social do feminino na sociedade africana têm sido formuladas através de bandeiras contra a perpetuação de práticas abomináveis contra a mulher.

O texto, por exemplo, de Paulina Chiziane (2013), escritora moçambicana agraciada com o “Prêmio Camões” de literatura em 2021, intitulado “Eu Mulher... Por uma nova visão do mundo” trata de um relato sobre a condição subalterna das mulheres de sua etnia *tsonga*. Uma tribo que segue um regimento de rigor sob às ordens da tradição africana local. Essas mulheres são conduzidas exclusivamente para as atividades domésticas, o casamento, o servir ao marido, o trabalho pesado de carregar água, o gerar filhos e o de se manter distância da educação, da leitura e da escrita. A menina *tsonga*: “mal vê a primeira menstruação é entregue a marido por vezes velho, polígamo e desdentado” (CHIZIANE, 2013, p. 201). Uma mulher africana não tem direito a desejos íntimos, intelectuais e nem sonhos.

A condição degradante que impunha uma mulher *tsonga* a um destino já traçado pela própria comunidade pode ser comparado às memórias contidas no livro *As mulheres honradas e insubmissas de Angola*. Dya Kasembe (2010), autora da obra referida, ao explorar a tradição africana que vigora entre as mulheres angolanas apresenta o ritual do *alembamento* e a maneira como as meninas são iniciadas desde crianças a reconhecer os futuros esposos.

Ondina por ser uma mulher assimilada: “[...] menina bem educada, com maneiras estudadas de cidadina que nasceu no musseque e quer chegar a viver na Baixa [...]” (PEPETELA, 2019, p. 95) tenha conseguido se afastar drasticamente das formas tradicionais de seu povo e passado a pensar com a sua própria cabeça devido aos estudos adquiridos. Ela é consciente que “a sociedade é muito mais severa para uma mulher” (PEPETELA, 2019, p. 192).

O *alembamento* em Angola é um dote ritualístico no qual se realizam casamentos a partir da troca de bens e de pessoas. A figura humana principal no caso é a mulher tratada como mercadoria comercial entre as famílias. O mais agravante é

a menina ser apenas uma criança entre 3 e 5 anos de idade. Ela é manipulada na inocência da idade, pois precisa se familiarizar com um homem quase sempre mais velho que frequenta a sua casa. O homem se faz presente na família da “garota-mercadoria” com certa distância. Ao chegar à puberdade, as etapas de venda do corpo e da dignidade da menina são entregues a este velho. Portanto, desde a mais tenra infância as meninas em Angola são exploradas sexualmente por suas famílias: “...cabe somente às mulheres africanas assumir a responsabilidade de proteger as histórias das mulheres africanas e conectá-las às situações de hoje. Temos muitos tectos de vidros para quebrar” (SALAMI, 2017, s/p).

Segundo Kasembe (2010), o ritual do *alembamento* se manifesta com o apoio dos avós do círculo do saber e de outros anciãos. Estes últimos têm como papel social serem os responsáveis pela manutenção das linhagens dos pretendentes-compradores de corpos infantis. Pelo visto a opressão da mulher africana se forma desde o momento que ela nasce: “As mulheres africanas foram silenciadas por muito tempo pelos crimes do patriarcado tradicional, como a instituição abusiva e desumanizadora da poligamia patriarcal [...]” (SALAMI, 2017, s/p). Ao absorver uma cultura tradicional sem questionamentos sobre o próprio valor que está para além de bens materiais o ser feminino é prejudicado e explorado negativamente.

Ondina, ao contrário da tradição imposta e apresentada acima, é uma mulher insubmissa, pois se mostra em atitudes consideradas feministas. Ela é dona de si mesma, se destaca ao se impor sobre os próprios desejos e as experiências sexuais frustradas durante a narrativa:

As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre abrir-se-lhe em calor. Esqueceu por momentos a irritação e entregou-se. Mas ele pensava na separação iminente, eram já cinco horas, e não correspondeu ao desejo. Foi mais uma vez fechado e racional. O fogo dela acabou por apagar-se cedo demais e, quando voltou a abandonar-se, já ele terminara. O ventre de Ondina doía de insatisfação, ao voltarem à escola. Mas escondeu a dor e o despeito. (PEPETELA, 2019, p. 87).

O encontro com o noivo tão preocupado com as obrigações externas acaba por não corresponder sexualmente a parceira. Ondina até tenta se desvencilhar da sedução mais ousada do nubente, pois estava sentindo raiva e nenhuma vontade de ter relações sexuais com ele. No entanto, ela responde ao apelo do desejo físico que se evidencia no ventre a “abrir-se-lhe em calor”. O problema está nos ritmos de cada um. Eles não se entendem corporalmente. A libido de ambos não possui uma sintonia.

Ter a posse da própria sexualidade é romper com os paradigmas das ancestralidades africanas que excluem as mulheres de terem prazer.

Minna Salami possui textos feministas lançados com certa regularidade no seu blog pessoal intitulado *MsAfropolitan*⁴. Os excertos referenciados no presente artigo foram traduzidos pelas componentes da “Revista Ondjango Feminista” e publicados no blog da revista. Elas afirmam a cabal necessidade do feminismo nas sociedades africanas. O número elevado de mutilações genitais femininas é preocupante: “Nós ocupamos o mais baixo lugar no índice global da igualdade de gênero, temos alguns dos números mais elevados de violência doméstica, o número mais elevado de circuncisões e mutilações femininas [...]” (SALAMI, 2017, s/p). Isso mostra a manutenção do conservadorismo em relação à liberdade da sexualidade da mulher africana que tem no clitóris o prazer íntimo e libertador do orgasmo sexual.

De acordo com Barros (2017, p. 398), as mutilações das genitálias femininas correspondem a qualquer procedimento que envolva a remoção total ou parcial da genitália externa feminina. Ao coletar dados da Organização Mundial da Saúde em 2017, a pesquisadora informa que há quatro tipos de mutilações: a) remoção total ou parcial do clitóris ou prepúcio clitoriano ou os dois, conhecido por *Sunna* e outros nomes, b) retirada do clitóris, do prepúcio e da lábia minora, extirpando às vezes também a lábia majora, c) o mais desumano, extirpa o clitóris e costura-se a lábia majora de maneira a fechar o canal vaginal, destinando um pequeno lugar para a excreção dos fluídos, denominada *infibulação* e d) inclui qualquer mutilação da genitália feminina que não se encaixe nos tipos anteriores.

As lutas feministas africanas querem acabar com a barbárie de tradições que maltratam o sexo da mulher e destroem a vida de milhares de crianças. Ritos ancestrais de passagem, que removem brutalmente partes da genitália feminina, identificados como a mudança de menina para mulher adulta precisam continuar a ser severamente criticados e proibidos por leis humanitárias.

Assim como Ondina as mulheres africanas têm o direito à liberdade de exercer a própria sexualidade com autonomia. A integridade e a segurança sexuais são um compromisso social e emocional de mulheres exploradas por um sistema tradicional retrógrado, patriarcal e falido que insiste em continuar a silenciar a violência por trás da lâmina que amputa a saúde sexual dos corpos femininos.

⁴ Segue o endereço da página do blog: <https://msafropolitan.com/author/msafropolitan>

2.2 O feminismo africano sempre existiu: pequena história de mulheres africanas na resistência

Telo (2017), advogada angolana e uma das membras fundadoras do primeiro *Colectivo Feminista Angolano Ondjango Feminista*, afirma que em todo o trajeto do movimento feminista ou de mulheres africanas haverá o espectro de imitar os preceitos ocidentais. No entanto, embora o feminismo africano deva muito ao movimento feminista global, ele possui particularidades concernentes à situação africana: “[...] enfatiza a autonomia feminina e a cooperação; a natureza em detrimento da cultura; a centralidade das crianças, a maternidade múltipla e a consanguinidade” (p. 03).

Além disso, Mouzinho (2017, s/p) escreve na página virtual do coletivo citado acima sobre a dificuldade da sociedade angolana em aceitar que as mulheres questionem “o lugar de subserviência ao qual elas são constantemente relegadas”. As mulheres feministas africanas buscam recuperar os seus direitos “incluindo os direitos sexuais”.

Ondina se encaixa no pensamento da articulista, pois se posiciona de forma ativa, isto é, no controle da relação sexual que tem com o seu noivo, Comissário Político, buscando o prazer de si mesma. Em outras palavras, o lugar de submissão da mulher durante o ato sexual é rompido. Importa mencionar a questão da posição sexual tradicional entre um homem e uma mulher na qual diversas culturas consideram como normal:

[...] aquela em que o homem ‘fica por cima’. Assim como a vagina, deve, sem dúvida, seu caráter funesto, maléfico, ao fato de que não é só vista como vazia, mas também como o inverso, o negativo do falo. A posição amorosa na qual a mulher se põe por sobre o homem é também explicitamente condenada em inúmeras civilizações. (BOURDIEU, 2019, p. 37).

Ondina não se relega a essa negatividade social e psicológica aplicada sobre o sexo biológico da mulher. Para não perder tempo com a atrapalhão do seu noivo e continuar com a afloração do desejo, ela decide se colocar por cima dele. Embora no excerto abaixo, não fique explícito o ato em si, o fato dela tomar a chefia do momento íntimo no qual ambos fazem sexo, torna-a uma mulher sintonizada em busca do seu direito feminino de ter prazer sexual:

A primeira vez que fizeram amor foi provocada por ela, que comandou, enquanto ele se afligia, se atemorizava, se inibia. A impressão de que o amor é melhor quando com uma quitata⁵ custou a abandoná-lo, mesmo depois de várias experiências com Ondina. Sem Medo tinha razão, devia ter confiança em si próprio. Mas não tinha. E sentia que Ondina não apreciava a sua maneira de amar. (PEPETELA, 2019, p. 81).

O Comissário antes de conhecer Ondina não tinha namorado firme com nenhuma mulher. As experiências carnais foram vivenciadas com prostitutas. Ele sabia que Ondina tivera vários homens antes dele e isso o inibia, deixando-o com recalques e complexos. Ao refletir sobre a situação, o amigo Sem Medo fantasia o seguinte no pensamento: “a solução do problema só me seria possibilitada se dormisse com ela” (PEPETELA, 2019, p. 91).

Sem Medo não sabia aconselhar efetivamente o Comissário no problema sexual dele. Isso seria de alguma maneira solucionado somente conhecendo Ondina na intimidade. A decisão não foi exposta, pois o amigo não desejava ferir o orgulho do Comissário, apenas sabia por ele que Ondina: “já conhecera outros homens, aos quinze anos fora deflorada, desde então tivera regularmente relações. Aos vinte e dois anos, era [...]sentimentalmente muito mais velha que o noivo [...]” (PEPETELA, 2019, p. 91).

Nota-se que o cultivo de ideias patriarcais de que o homem é sempre o dominador na hora do sexo acaba por conduzir o Comissário a um fechamento para dentro de si mesmo, enquanto a sua mulher toma a postura de não subserviência tendo desenvoltura em torno do próprio desejo sexual que sente por ele. Bourdieu (2019) desenvolve um trabalho sobre a dominação masculina no qual assevera que: “[...] o próprio ato sexual é pensado em função do princípio do primado da masculinidade. A oposição entre os sexos se inscreve na série de oposições mítico-rituais: alto/baixo, em cima/ embaixo, seco/úmido, quente/frio [...]”. (p. 36-37).

O controle dos corpos femininos que está diretamente relacionado com a sexualidade da mulher precisa de transformações dentro dos valores tradicionais africanos. A mulher feminista africana não quer destruir a ancestralidade dos ritos africanos, mas incorporar neles outras maneiras que impeçam a mulher sofrer danos psicológicos e corporais em busca de um sentido de justiça social entre os gêneros.

⁵ No glossário, parte final do livro *Mayombe*, é informado que quitata significa mulher da vida ou prostituta, p. 251.

A luta pela integridade e liberdade sempre foram reivindicações da vida das mulheres africanas desde os tempos pré-coloniais.

Segundo Salami (2017), a luta contra o patriarcado sempre existiu em África, antes mesmo do feminismo ocidental atribuir como a sua razão de ser a subversão do patriarcalismo. Ela afirma que como o continente africano é umas das civilizações mais antigas do mundo, mesmo não usando o termo ocidental “feminismo”, as mulheres já se posicionavam contra as relações de poder impostas pelo ser masculino. Portanto, o feminismo africano não é uma importação de um modismo cunhado pelas feministas ocidentais.

O feminismo em África é repleto de figuras femininas anônimas que foram esquecidas pela historiografia europeia e o pensamento feminista mundial. Por isso, importa “desmistificar a ideia de que o feminismo africano é uma invenção recente” (MOUZINHO, 2017, s/p). Dois exemplos pré-colonialistas elaborados pela pesquisadora apontam para as mulheres da etnia fon de Daomé que tinham poder político, econômico e espiritual e a Rainha de Sabá (Makeda da Etiópia) que utilizava de seus poderes reais para lutar pela justiça do povo e manter boas relações comerciais com outros países visando à riqueza do reino.

Nos dizeres de Mouzinho (2017) ainda não foi possível verificar com autenticidade pela história a existência ou não de sociedades matriarcais na África. O que ela pondera é sobre a presença de culturas africanas mais igualitárias no período pré-colonial. Isso pode ser confirmado, por exemplo, com a prática do *kunyaza* como elemento de resistência aos ritos tradicionais africanos que permaneceram no tempo e se distanciam dos índices de violência contra a mulher e das mutilações genitais femininas sofridas.

O *kunyaza* consiste em um método de masturbação feminina praticada principalmente na África Central. Ele promove orgasmos femininos poderosos durante as relações sexuais entre heterossexuais. Em Ruanda, a prática é considerada tradicional. Dessa forma, percebe-se que na pluralidade das sociedades africanas há uma história da sexualidade pouco abordada, rompendo com a relação midiática de que na África todas as meninas são obrigadas a mutilar os seus clitóris. De acordo com Bizimana (2010), ao coletar informações sobre a técnica com pessoas da África Central, a mulher pode chegar ao orgasmo em 3 a 5 minutos e isso pode acontecer

antes do homem ejacular. Sendo que a estimulação externa é suficiente por si só para levar a mulher e o homem ao orgasmo.

A liberdade sexual da mulher equivale ao poder dela ter sobre o seu próprio corpo o domínio do desejo e do prazer. Ondina é uma personagem feminista africana, pois as suas práticas sexuais são constituídas a partir da sua livre vontade. Ela tem o arbítrio da própria libido. A insatisfação sexual sentida em relação ao noivo é esmiuçada no romance:

Fizeram amor uma, duas vezes, ele sempre desajeitadamente. O Comissário convencia-se que ela não tinha prazer e perdia-se em divagações, auscultando as reações dela, sem se entregar realmente, e sem gozar. Ela sentia-se espiada e deixava de gozar: o orgasmo era um resultado mecânico dum ato maquinal. Mentiam-se depois um ao outro, dizendo terem tido um vivo prazer. Cada um sabendo que o outro mentia. [...] Eram noivos, não amantes. (PEPETELA, 2019, p. 84).

Precisando renegar essa relação de não intimidade com o noivo, Ondina decide terminar por carta com o Comissário. Mas antes do término, faz sexo casual no meio do capim após sair e beber cervejas com o camarada André, administrador/responsável do movimento em Dolisie. Ela não tinha coragem de falar sobre os problemas sexuais que o Comissário tinha “[...] pois o noivo ficaria chocado: ele não permitiria que se formasse a verdadeira intimidade dos amantes que podem falar naturalmente, sem preconceitos.” (PEPETELA, 2019, p. 84). Dessa maneira, em busca de sentir liberdade sobre o próprio gozo, Ondina segue adiante pelo direito à uma vida sexual saudável com outro homem que fosse capaz de satisfazê-la.

2.3 Ondina e as falas de masculinidades não-hegemônicas

No romance de Pepetela (2019), Ondina não foi colocada como uma mulher à frente da guerrilha tal qual estiveram muitas camaradas na época das lutas pela independência de Angola como, por exemplo, a escritora e guerrilheira Deolinda Rodrigues. Uma das marcas da atuação feminista africana foi estar diante de batalhas desde o período pré-colonial, visto na seção anterior, das lutas políticas e armadas contra o poder colonial e a opressão do patriarcado.

No entanto, a função de Ondina atuando como professora de miúdos pelo movimento revolucionário e o seu envolvimento com três homens que pertenciam ao

partido refletem com forte impacto outras práticas feministas africanas durante o contexto da guerrilha, principalmente, no que tange às questões da sexualidade e das falas/attitudes masculinas não-hegemônicas⁶ de duas personagens: o Comissário e o Comandante Sem Medo. A terceira personagem masculina, André, se comporta dentro dos paradigmas de uma masculinidade hegemônica. As três figuras citadas possuem ao longo da narrativa, como se tem debatido neste artigo, uma relação amorosa, cada qual ao seu modo, com Ondina.

A dicotomia dominação/submissão presente nas relações de poder entre homens e mulheres heterossexuais é transgredida com a performance sensual de conquista de Ondina: “[...] A saia curtinha subira e mostrava as coxas. Ele mirou-as descaradamente e fez o olhar subir lentamente do joelho à ponta da cueca⁷ branca que se adivinhava, deixou-o aí longamente, e depois continuou a ascensão até os olhos que brilhavam [...]” (PEPETELA, 2019, p. 94).

A passagem citada contempla o momento em que o Comandante Sem Medo conhece Ondina pela primeira vez. Ela o chama para dentro do quarto, ambiente íntimo de qualquer pessoa, para tomar café com ele. Um encontro rápido assim seria impensável dentro da tradição africana patriarcal que impunha às mulheres ainda crianças o destino de se casarem com homens polígamos após menstruarem.

Ondina, madura e intelectual, é dona de si e de seus desejos sexuais. Ao mostrar a *lingerie* que usava para um homem que tinha acabado de conhecer, mas que a atraía fortemente, não hesitou em seduzi-lo de imediato. Neste jogo de tentação é ela quem está no comando da situação. A cultura imposta ao homem de ser a figura dominadora dentro de uma relação sexual é pensada por Bourdieu (2019):

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque esse princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo

⁶ Para Carvalho Filho (2008) a obra de R.W. Connell intitulada *Masculinities* e publicada em 1995 tem sido primordial nos estudos sobre masculinidades. Connell questiona sobre a hegemonia de um único padrão de masculinidade que possua controle sobre todas as formas de masculinidades existentes. Em outras palavras, a masculinidade hegemônica busca manter papéis sociais dominantes sobre as mulheres e as masculinidades ditas não-hegemônicas e justifica tanto a subordinação do ser feminino como a do padrão de dominação estabelecido pelo patriarcado. Ao contrário das masculinidades não-hegemônicas que alteram o modelo social masculino buscando uma equidade entre os gêneros e a libertação de si mesmos em expor os próprios sentimentos. Portanto, os sujeitos masculinos que produzem falas não-hegemônicas desconstróem os estereótipos sociais em torno do que seria um “homem macho de verdade”.

⁷ De acordo com o glossário ao final do livro, o termo “cueca” significa calcinha (p. 250).

de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação”. (p. 42).

Em outras palavras, é como se a mulher heterossexual não pudesse ser ativa durante a própria atuação da conquista sexual. A dominação erotizada da mulher é um tabu antigo, que desde o século XX tem tido diversas discussões. A partir dos anos 1960, “[...] a minissaia começava a despir os corpos. [...] Era o início do direito ao prazer para todos, sem que as mulheres fossem penalizadas ao manifestar seu interesse por alguém” (DEL PRIORE, 2013, p. 69-70).

Salami (2017) afirma que “o feminismo africano entende que os homens e as mulheres africanas poderiam ter relações mutuamente benéficas [...] se as nossas relações fossem igualitárias, ao invés de patriarcais”. O controle do corpo da mulher africana é associado ao patriarcado tradicional. Ele desumaniza o ser feminino colocando-o sob o jugo da poligamia precoce e dos cortes genitais que coisificam o desejo sexual. Portanto, Ondina humaniza os próprios valores pertencentes a sua sexualidade se afastando de ritos tradicionais. As atitudes de comando durante o ato sexual torna Ondina empoderada de seus particulares furores íntimos sentidos em relação aos homens que deseja.

O feminismo surge como um movimento libertário que não pretende ter um espaço segregado para a mulher, mas que busca uma nova maneira de relacionamento entre homens e mulheres. O feminismo aparece para que a mulher tenha mais liberdade e autonomia para decidir sobre a sua vida e o seu corpo (PINTO, 2010, p. 16).

As atitudes de Ondina somada às do Comissário e às do Comandante Sem Medo em relação a ela assumem transformações da cultura androcêntrica, machista e patriarcal dentro do contexto do movimento revolucionário de Angola. Pepetela chega a desconstruir estereótipos para além das questões comuns em torno da opressão patriarcal entre os gêneros, explorando mais as veredas sexual, emocional e intelectual das convivências entre as personagens:

[...] O Comissário considerava que Ondina lhe fizera um favor, aceitando-o, pois podia aspirar a pessoas mais cultivadas. Ele formou-se politicamente, mas nem isso o convenceu de que estavam em pé de igualdade. Se não acabasse com esses complexos, o amor deles falharia, dissera um dia Sem Medo. (PEPETELA, 2019, p. 81).

Um homem admitir ter menos capacidade intelectual do que uma mulher, acrescentando a isso, a percepção de que ela poderia estar ao lado de outro homem mais culto, faz do Comissário um ser masculino de pensamento não-hegemônico. O Comissário considerava que Ondina lhe fizera um favor, quase uma caridade, aceitando-lhe. Mesmo tendo se formado politicamente, nem isso o convenciu de que estavam em pé de igualdade, pois ela veio de Angola aplicar os seus conhecimentos na escola do partido que se localizava em Dolisie: “Ondina viera há um ano de Angola. Estudara uma boa parte do Liceu, mais que ele. Mesmo depois de noivarem, isso sempre foi uma barreira” (PEPETELA, 2019, p. 81). Para Cornell e Messerschmidt (2013, p. 241) “o conceito de masculinidade hegemônica formulado há duas décadas influenciou consideravelmente o pensamento atual sobre homens, gênero e hierarquia social”.

Um exemplo de pensamento hegemônico é o orgulho que o homem convencional sente em relação ao tratamento de submissão destinado às mulheres através das relações de poder do patriarcado. De acordo com o pensamento de Salami (2017):

as feministas africanas prestam atenção às formas como o patriarcado – isto é, o sistema psicológico e político que valoriza o homem mais do que a mulher – usa a lei, a tradição, a força, o ritual, os costumes, a educação e a linguagem, para manter as mulheres sob a tutela dos homens, tanto na vida pública como na privada. (SALAMI, 2017, s/p).

Ondina constrói um afeto com o amigo e o superior do Comissário, o Comandante Sem Medo. A relação amorosa entre os dois se efetiva pouco tempo depois de Ondina romper o noivado através de uma carta enviada ao Comissário. Ele estava longe, já na Base localizada dentro do Mayombe e fora da cidade de Dolisie. O envolvimento é fortalecido pelas ideias políticas e pró-feministas que ambos comungavam.

O pró-feminismo corresponde a pessoas que não fazem parte propriamente do movimento do feminismo, mas que em suas atuações individuais e coletivas a presença do feminismo está instaurada. Freitas, Félix da Silva e Carvalho (2018, p. 864-865) debatem “acerca da possibilidade e da legitimidade de homens serem ou não feministas”. A pesquisa realizada por essa equipe mostra que há dois lados: o primeiro corresponde à aceitação de que feministas só podem ser os sujeitos que

“vivenciam diretamente os efeitos do machismo (ou seja, as mulheres)” e o segundo entende que a desigualdade de gênero será sanada quando os próprios homens reconhecerem os efeitos negativos do machismo que eles produzem ou que usam para se esconder e adquirir benefícios ao subalternizar mulheres.

As personagens masculinas de Pepetela citadas estão de alguma maneira engajadas na construção de masculinidades não violentas, pois se mostram dispostos a renunciar aos seus privilégios. Isso inclui até a figura de André, pois mesmo sendo um reprodutor da fala hegemônica masculina, ele não fica chateado por ter perdido o seu cargo de administrador do partido em Dolisie.

Afinal, fora pego em flagrante em atos libidinosos com Ondina. Ele tinha gostado do encontro, o preço a ser pago por isso valera a pena, perdeu o posto e conseguiu sentir tristeza apenas por não ter aproveitado mais o tempo com a amante: “Para me entristecer no momento, pensarei que poderia ter gozado uma semana com a Ondina e não foram senão duas horas de capim e mosquitos” (PEPETELA, 2019, p. 171). Os próprios militantes do partido denunciaram-no.

Em contrapartida, temos falas agressivas em relação à Ondina. O fato de André acreditar que ela tinha feito parte de um complô articulado pelo Comissário e pelo Comandante Sem Medo para que fosse expulso da corporação revolucionária fizeram-no insultar violentamente a amante, mesmo que em pensamento. No entanto, depois disso, o narrador da história esclarece que não houve armadilha nenhuma. O que estava em questão era o desejo sexual que Ondina alimentava por André desde a partida do seu noivo Comissário para o Mayombe. Leia-se o trecho para visualizar o encontro dos amantes e a masculinidade hegemônica de André:

[...] Olhei-a e ela fixava-me. Viu que eu mirava as coxas e aproveitou um solavanco do carro para as afastar mais, imperceptivelmente mas o suficiente. Parei o jipe, quem o não faria? Um homem não é de pau! Fui eu que a beijei ou foi ela que fez o primeiro movimento? A puta aceitou logo ir para o capim. Que fogo, meu Deus! Que vulcão! Perdi o meu lugar, mas valeu a pena. Tinham emboscado uma série de militantes na estrada, para testemunharem. E ela aprestou-se ao complô, porque é uma vaca que gosta de homem e porque assim o seu Comissário vai subir.

[...] Que momentos! E ela gozou, a cabra! Não parava, queria mais, sempre mais, nem sentia os mosquitos a picarem-lhe a bunda. Quando veio para o jipe, mal podia andar, estava derreada. Ela também aproveitou para ter um homem. Porque não é aquele miúdo do Comissário que lhe dá gozo, isso vê-se logo. (PEPETELA, 2019, p. 169-170, itálico do autor).

Mesmo Ondina tendo traído por livre e espontânea vontade o seu noivo, o Comissário não deixou de amá-la. Ele rompe com o orgulho tão comum e pertencente a uma masculinidade convencional indo conversar pessoalmente com a amada sobre o ocorrido. É na sexualidade de Ondina que reside uma das forças da mulher empoderada de si mesma. Ela desmantela a ideia de submissão ao se afastar de um homem que não a satisfazia na intimidade. Ondina não se importava com os contratos sociais. Estava noiva, era verdade, mas não se sentia feliz ao lado do Comissário (João). Observa-se no diálogo a seguir que o noivo tenta entender os motivos que levaram Ondina a fazer sexo casual com André. No entanto, ela é insubmissa, pois confronta-o e justifica-se dando liberdade e razão ao próprio desejo:

- Não irias para o capim, conheço-te.
 - Conheces-me, João?
- Ela não respondeu. Ela fitou-o, viu as mãos que se revolviam.
- Bem, se queres saber... Ele beijou-me no jipe. Quando me propôs para irmos para o capim, aceitei.
 - Por que o deixaste beijar-te? Por que aceitaste?
 - Sei lá. Apeteceu-me.
 - Mas por quê? Isso não acontece à toa.
 - Comigo pode acontecer à toa. Depende das circunstâncias, depende do homem... Eu sentia-me só, André é um belo homem.
 - Não me gramavas então.
 - Quem sabe? Há várias espécies de amor. Aliás, isso já não interessa. Vou-me embora e tu encontrarás outra mulher. (PEPETELA, 2019, p. 164).

O Comissário tenta dissuadi-la recorrendo à emoção de amá-la e ao perdão da traição. No entanto, a ex-parceira está resolvida em terminar o relacionamento frustrado. A fragilidade do noivo mostra que ele está na contramão dos envolvimentos amorosos disfuncionais que buscam machucar a mulher tanto fisicamente como psicologicamente.

Ondina foi sincera, não escondeu do noivo a traição e quis imediatamente dar um fim a esta relação, libertando-o dela. De acordo com Freitas, Félix da Silva e Carvalho (2018, p. 873): “[...] só ocorrerá mudança na ordem patriarcal quando os homens saírem da posição de opressores das mulheres e reconhecerem os direitos humanos delas [...]”. Em outras palavras, o direito das mulheres consiste nelas terem o domínio sobre suas próprias vontades e desejos sem se sentirem inferiores em relação aos homens que a subjagam através de palavras negativas e atitudes degradantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, foi apontado que Ondina, por ter um domínio particular sobre o próprio corpo, consegue impor o seu direito humano em relação à sexualidade. Em muitas comunidades tradicionais africanas, se a criança nasce mulher as famílias já a destinam para um homem com posses, mais velho e polígamo. Quando a adolescente menstrua é iniciado o casamento arranjado. Em outras palavras, a exploração sexual da criança é um rito dentro de muitas tribos africanas. Uma outra prática ritualística da tradição africana que prejudica a mulher é a extirpação total ou de alguma parte da sua genitália impedindo-a que tenha orgasmos através do clítoris.

Ondina é uma espécie de sobrevivente ante o destino pavoroso de muitas meninas africanas. Ela é apresentada no romance de Pepetela como uma mulher negra africana livre que escolheu o próprio destino. Afinal, conseguiu estudar no Liceu, se tornou professora de crianças em um movimento político revolucionário durante as lutas de libertação de Angola, compartilhava um quarto com uma colega e tinha o próprio desejo sexual respeitado com o homem que lhe apetecia ter relações íntimas.

Em segundo plano, através de ativistas feministas africanas foi possível saber da existência da luta de mulheres africanas contra o patriarcado desde o tempo pré-colonial. Localizando, dessa maneira, no continente africano o lugar de pioneirismo do feminismo mundial e desconstruindo as formulações da historiografia norte-americana e europeia nas quais afirmavam que na África as feministas só teriam surgido após os movimentos feministas ocidentais.

Muitas feministas africanas são atacadas exatamente por serem vistas erroneamente como apenas seguidoras da “moda” feminista ocidental. Não desmerecendo as lutas das operárias têxteis e sufragistas feministas ocidentais desde a primeira onda feminista, se faz necessário falar da importância da presença de mulheres africanas já no século XIX que detinham poder econômico, espiritual e político. Estas mulheres servem de espelho na resistência atual de feministas africanas contra o patriarcado e as violências contra os seus corpos. A ideia de que o feminismo africano é uma invenção recente e de que as mulheres negras africanas querem destruir, através da bandeira alheia pertencente às lutas de mulheres ocidentais, os valores tradicionais da identidade africana são desmistificados.

Em terceiro lugar, o foco na sexualidade de Ondina aparece mais uma vez para mostrar a reconfiguração das relações tradicionais de gênero que são pautadas no poder dicotômico: dominação/submissão. As falas de masculinidades não-hegemônicas expostas pelos personagens Sem Medo e Comissário mostram a fragilidade do sujeito masculino sem que isso lhes tire o caráter de masculinidade. Ao contrário, a sensibilidade e as atitudes de compreensão geridas por ambos em torno das posturas de Ondina tornam os sujeitos masculinos figuras humanas, igualitárias e pró-feministas, pois eles não recorrem ao poder do patriarcado que impõem condições de submissão à mulher.

De forma geral, buscou-se mostrar de que maneira a sexualidade de Ondina apresenta elementos que caracterizam as práticas e as lutas dentro da formação do feminismo africano de outrora e de hoje.

REFERÊNCIAS

BARROS, Juliana. A realidade da mutilação genital feminina africana e o embate entre universalismo e relativismo. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 4, n. 8, p. 395-407, 2017.

BIZIMANA, Nsekuye. **Another way for lovemaking in Africa**: Kunyaza, a traditional sexual technique for triggering female orgasmo at heterossexual encounters. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2009.12.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1158136009001765>. Acesso em: 14. nov. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. A masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. **XIII Encontro de História**. Anpuh-Rio: Identidades, p. 1-7, 2008. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212953291_ARQUIVO_ComunicacaoSilviodeAlmeidaCarvalhoFilho.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher. Por uma nova visão do mundo. **Abril – NEPA/UFF**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 199-205, 2013.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 15 nov. de 2021.

DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

_____. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREITAS, M. J. T.; FÉLIX DA SILVA, J.; CARVALHO, M. E. P. de. Homens podem ser feministas? O pioneirismo dos estudos de masculinidades no Nordeste do Brasil. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 27, n. 66, p. 861-881, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/7013>. Acesso em: 15 nov. 2021.

KASEMBE, Dya. **As mulheres honradas e insubmissas de Angola**. Luanda: Mayamba, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOUZINHO, Áurea. Reivindicando o espaço para nos chamarmos feministas africanas. **Ondjango Feminista**. Disponível em: <https://www.ondjangofeminista.com/ondjango/2017/4/10/reivindicando-o-espao-para-nos-chamarmos-feministas-africanas>. Acesso em: 06 nov. 2021.

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: Leya, 2019.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2021.

SALAMI, Minna. Uma breve história do feminismo africano. **Ondjango Feminista**. Disponível em: <https://www.ondjangofeminista.com/txt-con/2017/4/10/uma-breve-historia-do-feminismo-africano>. Acesso em: 06 nov. 2021.

_____. Sete questões-chave no pensamento feminista africano. **Ondjango Feminista**. Disponível em: <https://www.ondjangofeminista.com/txt-con/2017/3/14/sete-questes-chave-no-pensamento-feminista-africano>. Acesso em: 06 nov. 2021.

TELO, Florita Cunhanga António. O pensamento feminista africano e a Carta dos Princípios Feministas para as feministas africanas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis: UFSC, 2018, p. 1-12.

VERAS, Denise. **Mayombe: a dessacralização de um herói**. In: JESUS, Mirleno Lívio Monteiro de; MOUTINHO, Sônia Oliveira Matos (org.). Olhares em movimento sobre a transversalidade dialógica da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Teresina: Ifpi, 2019. Cap. 10. p. 182-188.